

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTORIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: LUCÍLIA DE ALMEIDA NEVES DELGADO
ENTREVISTADO: AARÃO STEINBRUCH
LOCAL: RIO DE JANEIRO
DATA: 21 DE OUTUBRO DE 1985

Entrevista – fita 01 – lado A

LN: Entrevista com Aarão Steinbruch, ex-deputado federal pelo PTB, ex-senador. Entrevista para tese de doutorado [] será cedido para o Centro de Comunicações [] aos cuidados de Minas Gerais. Podendo ser só utilizado após divulgação da tese. Senhor Aarão, o senhor podia me informar, quais foram os objetivos iniciais, na sua percepção, quais foram os objetivos iniciais do PTB. Quais eram, qual era a proposta do partido, qual era proposta básica do PTB?

AS: Pois não. A proposta básica do PTB era o fortalecimento dos sindicatos, com autonomia e participação dos grupos, dos operários das empresas. Era essa a proposta básica, eu naquela época, quando eu ingressei no partido, no Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, eu era advogado dos sindicatos, era consultor jurídico da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria. A minha advocacia toda, era trabalhista, funcionava na Justiça do Trabalho. Antigamente existia o Conselho Nacional do Trabalho e eu era advogado dos sindicatos, praticamente, quase todos os sindicatos do Rio de Janeiro e do antigo Estado. Daí eu ter me inclinado para o PTB, que era uma proposta válida para a minha formação de advogado nesses sindicatos [].

LN: Existem algumas interpretações que falam que o PTB foi fundado com uma idéia de manipular a classe operária, para Getúlio Vargas manipular a classe operária. Alguns outros falam que o PTB funcionaria como um anteparo entre os trabalhadores, o partido comunista, afinal com a legalização, depois o Estado começou, teve uma fase de crescimento e algumas interpretações essas, até historiador [] chega dizer que o PTB

foi fundado para que os trabalhadores pudessem serem mobilizados em torno da obra trabalhista do Estado Novo, CLT, as conquistas trabalhistas, o Estado se fez parte. O senhor concorda com essas interpretações?

AS: Não. As interpretações realmente eu não concordo inteiramente com elas. Realmente o Partido Trabalhista, foi fundado por Getúlio Vargas e também era o Presidente do Partido Social Democrático. Ele certamente queriam, as reformas que ele pretendia instalar e ele fez realmente a CLT – Consolidação das Leis do Trabalho – feita por ele. Eu é verdade, depois no Congresso, eleito, eu fui deputado e senador, eu vi um informativo que foi distribuído na cidade e como candidato que sou a prefeito pelo Partido Socialista Agrário e Renovador Trabalhista, o PASAT – não houve nenhuma lei depois de Getúlio, que tivesse o meu toque. Eu era, contrato trabalhista, conhecia todos os problemas dos operários. Eu vou te dar um exemplo, eu era advogado dos sindicatos, quando eu ingressava com uma reclamação na justiça, então o advogado da empresa, a primeira coisa que ele recebia, perante o juiz do trabalho era o recibo de ampla e geral e ratificação firmado pelo empregado para reclamar nada mais a reclamar em tempo algum. É porque existia a chamada indústria dos recibos em branco, o empregado era admitido para o trabalho, assinava o papel em branco e depois era mandado embora e esse papel era preenchido com as expressões que eu mencionei, onde ele dava plena ratificação para não mais reclamar. O juiz se limitava a perguntar ao empregado, se era dele aquela assinatura e ele confirmava. Então a reclamação era julgada improcedente. Por isso, que eu fui, quando eleito para o Congresso Nacional, Deputado Federal, uma das primeiras preocupações minha foi fazer um projeto que felizmente se transformou em lei, e hoje ainda perdura, é terminar com a indústria dos recibos em branco. Qualquer recibo assinado pelo empregado, tem que ser homologado na Justiça do Trabalho, no Ministério com o sindicato. Agora, eu não concordava com tudo, o Estado não é dono do poder, eu sou um homem de formação democrática e o Partido Comunista mesmo ficou com Getúlio. Mesmo depois da saída do Prestes da prisão, a primeira coisa que ele fez foi incluir-se a favor de Getúlio Vargas, em plena praça pública. E o grande líder incontestável do Partido Comunista era naquela oportunidade Luiz Carlos Prestes, e houve uma aliança naquela época. Então o Partido Trabalhista, ele tinha como preposto as reformas que ele queria introduzir, de maneira que o PSD e o PST era em peso contra as reformas, ele queria uma retaguarda de ocaso às proporções que o PTB avançava.

LN: Então o senhor, pela opinião do senhor, o PTB foi fundado, o grande objetivo de Getúlio Vargas não é!? Quando fundou o PTB, foi que através do PTB, ele teria maiores chances de realizar as reformas...

AS: Perfeito.

LN: Ele não conseguiria esse apoio junto ao PSD.

AS: Não, porque ele teria uma retaguarda, as forças trabalhistas, sindicais que operavam em conjunto à favor das reformas que ele preconizava e acabou fazendo.

LN: O senhor poderia me citar ao mesmo tempo essas reformas.

AS: A CLT – a Consolidação das Leis do Trabalho - porque qualquer proposição que naquele época passasse, tinha logo a reação da classe empresarial. Porque a classe empresarial brasileira infelizmente, ela não compreende as reformas, aquilo tudo que depois foi feito, em benefício da classe trabalhadora, eles acham que podem ir à falência, que vão abrir concordata. Eu vou só dar logo um exemplo da minha, no congresso. Eu estava no senado, fiz um projeto, o senado é câmara revisora, mas eu como senador fazia ela de instância originária. Depois é que o projeto aprovado, se aprovado, iria para a Câmara dos Deputados, determinando o pagamento, o fornecimento do pão com leite e manteiga, pão com leite e manteiga, que era a refeição matinal para os empregados que comparecessem ao trabalho com 10 minutos de antecedência. Com isso eu forçava primeiro, a assiduidade, porque ele iria ao trabalho e saberia que ele teria o café matinal, é o caso hoje de muitas crianças vão ao colégio, por causa da merenda escolar. Se não fosse a merenda ele não iria para o colégio, não teria condição de ir. Em segundo lugar, tinha muita gente que mora na baixada fluminense e que vem trabalhar no Rio. Ele sai de casa às 4:30 da manhã, saí sem nada, nada não, ele não ingere nada, então ele viria à empresa, e teria o café matinal e com isso a produtividade aumentaria, porque sabe que saco velho, como diz o velho ditado: “*Saco vazio não se põe em pé.*” Mas por cima de mim, passou no Senado, entretanto, nesse intervalo que estava passando no Senado, eu sabia dos contatos do empresário Luiz Otávio, ir ao Costa e Silva, que era o então Presidente na época e pedindo que saísse o projeto da corda do tiro, porque se não, era um desastre para a indústria nacional, mesmo para a prender o alcance dessa produção e aliás eu posso dizer que muitas empresas começaram a oferecer essa refeição matinal. Mas, quando eles chegaram, chegaram um pouco atrasados, o projeto realmente foi aprovado pelo Senado. Quando o Presidente Costa e Silva telefonou para retirar o projeto

da ordem do dia, já era tarde. Na verdade foi cassado [] pelo AI 5 e o projeto foi arquivado na Câmara, é uma injustiça que fizeram a essa proposição, que tinha elevado alcance social.

LN: Eu gostaria de perguntar ao senhor, sobre a então fundação do PTB, o senhor concorda que os sindicatos, especialmente os sindicatos mais organizados pelo governo, aliados ao governo. Que havia sempre aquela coisa que tinha os sindicatos mais amarelos, os sindicatos ligados ao governo e outros sindicatos mais autênticos. O senhor concorda com a opinião que diz que os sindicatos organizados pelo governo, esses sindicatos oficiais, era as principais bases do PTB?

AS: Realmente, eu devo dizer o seguinte, os sindicatos vivem do imposto sindical, da contribuição sindical que é um dia de trabalho por ano que é descontado dos operários a favor dos sindicatos. Isso certamente fazia com que os sindicatos ficassem numa dependência do Ministério do Trabalho, que por sua vez era um Ministério do governo de Getúlio Vargas naquela ocasião. E nesse, continuasse a sindicalização, onde os trabalhadores ingressa no sindicato por livre e espontânea vontade, pagando bem, em casos de sindicatos fortes, mesmo assim não abrangem a categoria mais. Se hoje por exemplo, se terminasse o instituto, só entra para o instituto, aqueles que voluntariamente a ele se filiavam, praticamente eu tenho a impressão que só 5% a 10% dos empregados, estariam filiados à previdência. Como ela é obrigatório, como ela determina que todo mundo seja associado, ela existe e funciona como entidade voluntária. Os sindicatos a mesma coisa, não existe, se você for numa categoria com 100 mil, 200 mil empregados, a maioria não é sindicalizado, até hoje. Então esses sindicatos mendigam a contribuição sindical e eu inclusive dessa contribuição, existia o fundo sindical que era 20% da contribuição, era descontada a favor do Ministério do Trabalho que tinha uma divisão de assistência sindical. Eu fiz um projeto para extinguir o imposto sindical, e certamente eles ficavam na dependência do Ministério do Trabalho, tudo passava pelo Ministério, hoje mudou um pouco, naquela época havia uma dependência dos sindicatos junto ao Ministério. Em razão da falta de associação dos operário no sindicato. Ele não se associa livremente, se associação for obrigatória ele estará, se não obriga, dificilmente ele ingressa.

LN: Agora o senhor me diz assim, o senhor acha que foi realmente os sindicatos que sustentaram o PTB, ou não? A maior base...

AS: Naquela época os sindicatos sustentaram o PTB, não, é que o povo acreditava numa nova fórmula de resolver os seus problemas. O PSD era um grupo conservador, ultra reacionário, independente de uma linha esquerdizante inclusive em alguns aspectos e muitas lideranças trabalhistas cresceram dentro do PTB. Se puseram depois, eu quero citar Alberto Pacoaline, eu quero citar Lúcio Bittencourt por Minas, Fernando Ferrari e o meu nome também, aliás dando incentivo para o PTB nessa ocasião houveram [] ao Presidente e formamos um movimento trabalhista reformador, o partido das [// más línguas //]. Em ausência do PTB e não concordávamos com muitas coisas que se processavam.

LN: Isso, agora mesmo eu vou perguntar para o senhor, deixa eu acompanhar aqui. O senhor falou que o PTB era um partido que tinha uma proposta de alguma maneira renovadora em relação aos outros partidos não é!? Eu anotei alguns pontos do Programa do PTB, por exemplo, o programa inicial do PTB, dos 27 pontos está lá, entre esses pontos, estar com os trabalhistas, os trabalhadores rurais, urbanos, órgãos paritários na Justiça do Trabalho, ampliação da paridade dos representantes de classe nos órgãos que interessassem o capital e o trabalho, planificação econômica, a gestão do Estado na economia para a melhor distribuição da riqueza, com direito à distribuição de lucro não é!? O lucro razoável da empresa.

AS: A participação no lucro.

LN: A participação no lucro, a extinção do latifúndio improdutivo, o direito de greve pacífica. Tem um ponto que eu gostaria de entender nesse programa do PTB, eles falam em greve pacífica e falaram que eles apoiariam as greves, a greve legal, a greve pacífica. O quê que era esse entendimento, o senhor como advogado trabalhista não é, como é que o PTB entendia? O programa, o senhor vê que é avançado não é, agora a questão da greve que eu quero entender, greve pacífica, qual era a distinção que o PTB fazia de greve legal e ilegal?

AS: Bem, a minha concepção de greve legal é aquela que é ganha pelos operários, torna-se legal. E ilegal é aquela que não é ganha. Quando se naquela época a legislação proibia a greve das atividades chamadas fundamentais, quando os servidores resolviam fazer greves dentro dessas atividades fundamentais, nas escolas era proibida a greve dos []. Realmente o avanço naquela época se evoluiu tanto, tanto que essas greves eram consideradas ilegais. E não se fazia o que era considerado ilegal, todos os contatos e os recursos na Justiça do Trabalho, ela era que determinava o aumento dos serviços da

categoria, não se via greve feita em atividade fundamental, hospital, transportes ferroviários e rodoviários naquele tempo, porque era atividade fundamental. Se a greve existisse ela nos traria conseqüências, a toda a população. Por exemplo, agora a greve, se houver uma greve dos ônibus, o quê que acontece, quem sofre com isso. O povo não tem como se defender, chegar ao trabalho, é prejuízo. Então tem que fazer tudo para que essa greve

não estoure, estourando, agora a greve tornou-se legitimada. Quando diz greve ilegal, ela é, ontem os correios mesmo tiveram greve, eu estou lendo nos jornais de hoje, hoje é dia 21 de outubro, eles vão voltar ao trabalho sem terem conseguido absolutamente nada, ou quase nada das reivindicações que eles queriam ganhar. A greve dos correios naquela época não se admitia a greve, a greve era considerada ilegal, era proibida terminantemente.

LN: E o PTB concordava com essa posição?

AS: O PTB estava em formação, tinha grupos que não concordavam. Mas a maioria que concordavam eram elementos que achavam que essa lei estava certa, era o princípio, digamos, de uma legislação que deveria ser cumprida. E muita coisa que foi feita na Consolidação, a estabilidade no emprego, depois foi retirado, ninguém depois de 10 anos de serviço, ninguém poderia ser demitido a não ser através de inquérito administrativo abordando a causa grave, justa causa, hoje não existe estabilidade. Então essas pessoas que tem posições adversas não é!? Dificilmente [], existe o fundo de garantia, você recebe o fundo de garantia e é mandado embora e depois? Vai procurar emprego e não consegue, todos preferem energias mais novas, braços mais novos para o trabalho. Hoje atribui, eu sou candidato a prefeito, então eu me vi que muita gente de 40 anos tem força para o trabalho, realmente se tivesse cogitado naquela época pelo próprio PTB, eu mesmo fui deputado, sempre procurava idéias a esse respeito.

LN: O senhor poderia me falar um pouco agora, sobre a relação do PTB com as propostas nacionalistas, especialmente já no segundo governo de Vargas não é!? Depois de 50 e qual era a participação dos sindicatos nesse momento, nessas campanhas nacionalistas?

AS: Bem, eu devo dizer que naquela época os sindicatos gravitavam sobre o Ministério do Trabalho e por sua vez gravitava em torno dos sindicatos. O Presidente tinha idéias nacionalistas, óbvio e [] ele tinha idéia nacionalista, e se baseava, o reforço dos sindicatos estavam nessas idéias que depois prosperaram.

LN: O senhor acha então que os sindicatos não tinham autonomia nesse momento em relação ao Getúlio Vargas?

AS: Não, ele que decidia a direção deles?

LN: A maior parte dos sindicatos?

AS: Decidia, mesmo porque eles dependiam do imposto sindical.

LN: Inclusive a CNTI?

AS: Pois é, inclusive eu era advogado dela. Inclusive.

LN: Quem era o presidente na época?

AS: Quando eu fui advogado da CNTI era o Deoclesiano de Holanda Cavalcanti, nome bonito, pomposo, era um legado de São Paulo, ele trabalhava numa indústria de bebidas, ele ficou à frente da Confederação por muito tempo.

LN: Ele era do PTB, o Deoclesiano.

AS: Ele era do PTB.

LN: Ele era do PTB!? As pessoas falam que ele era um sindicalista muito pelego, você concorda com isso?

AS: Bom. Eu concordo que ele seguia as instruções do Ministério do Trabalho, mas também se ele conseguisse, o governo corrigia com interrupção. O Ministério tinha força para intervir nos sindicatos, se não seguisse a orientação do Ministério.

LN: Quer dizer que a atuação do Ministério em relação aos sindicatos era de dar mesmo pouco autonomia?

AS: E evidente, naquela época era assim.

LN: Então deixa eu fazer uma pergunta para o senhor. Então o Danton Coelho foi o 1º Ministro do trabalho do 2º governo de Vargas não é!? E o primeiro Ministério que Vargas organizou, só tinha um representante do PTB, que era o Danton Coelho no Ministério do trabalho, não é isso, o senhor concorda comigo, que era o Danton?

AS: É não. O Danton Coelho já era, naquele época era chamado de pombo correio do Getúlio, ele que fez a aliança do Getúlio com o Adhemar de Barros. Conseguiu que o Adhemar apoiasse o Getúlio. Ele era o pombo correio, mas eu tenho a impressão que aquele Ministério do Getúlio, tinha o Salgado Filho, era o Ministro de [incompreensível]

LN: Mas o mais importante, o que eu queria saber em relação ao Danton Coelho, porque ele ficou algum tempo como Ministro do Trabalho.

AS: Pouco tempo.

LN: Pouco tempo, depois ele saiu não é!?

AS: Se elegeu deputado.

LN: É e depois, mas eu estava lendo que ele falou que saiu do Ministério do Trabalho porque ele achava que o Getúlio Vargas estava fazendo num primeiro momento um governo elitista e a saída dele provocou uma cisão muito forte no PTB. O senhor se recorda disso, você se lembra a atuação do Danton Coelho no Ministério do Trabalho, realmente houve esse tipo de divergência.

AS: Eu não me lembro.

LN: O senhor não está recordando.

AS: Não me consta isso não. Ele é era um homem digno de confiança absoluta do Getúlio.

LN: De confiança absoluta do Getúlio!?

AS: Ele foi nomeado pelo Presidente, Ministro do Trabalho e de repente foi nomeado Ministro do Trabalho.

LN: E ele tinha alguma relação com os sindicatos...

AS: Não, não tinha.

LN: Com a vida trabalhista.

AS: Não, nenhuma. Ele foi aquinhoado para o cargo de Ministro, ele era homem versátil. Um homem de bom diálogo, então ele, porque ele foi digamos, baluarte na construção da aliança do Getúlio com Adhemar é que ele foi nomeado Ministro.

LN: E a atuação dele como Ministro do Trabalho, teve alguma repercussão, foi boa ou não foi, como é que o senhor avaliaria a atuação dele?

AS: Bem, ele não, ele foi discreto, ele foi discreto. Depois ele presidia um jornal aí, “*O Orientador Trabalhista*”, se não me engano, ele dirigia, ele foi discreto e ligado ao Adhemar, ligado ao Getúlio que desfrutavam de uma amizade muito sólida lá, eu chego a dizer que eram amigos íntimos.

LN: Depois, na saída do Danton Coelho, assumiu a pasta do Trabalho, o Ministro Segadas Viana não é, e ele... Como é que foi atuação do Segadas Viana como Ministro?

AS: Não, não antes... [*Interrupção de Fita*] O Segadas era advogado, ele era presidente do diretório aqui, ele e o Baeta Neves se candidataram, eu quis me candidatar naquela época em 47, 46, eu quis me candidatar deputado federal e não consegui legenda. Muito por causa, existe em todos os partidos, como até hoje é chamada a ditadura partidária, quando eles sentem que o candidato têm condições de ganhar e vai atuar na área que ele atua, e na convenção ele afoga. Agora mesmo há pouco tempo atrás, eu falava com um cidadão que é deputado federal, eu disse: “*Olha, fulano vai atuar na sua área na tua área como candidato, nós cortamos ele na convenção*”, e é verdade, existe a ditadura partidária. Então se você, você agora por exemplo, o PMDB, todo mundo pensava que era o Arthur da Távola que seria o candidato pelo PMDB, a convenção é manobrada, é manobrada. Então você não, se eles sentem que você tem prestígio para disputar um cargo, eles procuram de alijar do processo eleitoral e não consegue passar na convenção, existe a ditadura partidária. Por isso mesmo na época, eu fundei esse Movimento Trabalhista Reformador.

LN: Mas voltando ao Segadas Viana, o senhor...

AS: Outro que foi discreto.

LN: Mas dizem que ele usava o seguimento para [ir contra o] movimento operário, o senhor concorda com isso?

AS: Bom, eu não me lembro bem desse aspecto. Mas ele foi deputado federal, se não me engano com 400 votos. Porque eles faziam o seguinte, a cédula, eles botavam o nome de Segadas Viana em letra pequena e no mesmo escrita com letras garrafais Getúlio Vargas. O Getúlio elegeu praticamente quase todos os deputados do PTB naquela ocasião em relação a sua seção.

LN: Agora, eu gostaria que o senhor me falasse um pouquinho sobre a atuação do senhor como consultor jurídico da CNTI e como advogado da Federação Nacional dos Trabalhadores de Carrilhos Urbanos, e quais eram as questões mais importantes. A CNTI agregava o maior número de trabalhadores...

AS: De trabalhadores não, de sindicatos.

LN: É, de sindicatos não É!?

AS: A Confederação era um órgão de cúpula.

LN: Era um órgão de cúpula.

AS: Era o seguinte, eu era do...

LN: Era a Confederação mais forte não é!?

AS: É, da indústria foi. Então o seguinte, a base sindical era o sindicato, o sindicato de uma categoria de outros, formavam a Federação e as Federações da Indústria se formaram a [] Social, e eu era consultor jurídico da Confederação e advogava e Confederação se incumbia de defender os processos em recurso para o Conselho Nacional do Trabalho e depois no Tribunal Superior do Trabalho.

LN: Quais eram as principais, o senhor lembra?

AS: Não, o objetivo era o dissídio coletivo que ia para lá, o dissídio coletivo, os dissídios individuais corriam praticamente nas juntas de conciliação e julgamento e por acordo por decisão do, até o final no Tribunal Regional do Trabalho e pronto, terminava.

LN: Apesar do senhor ter tido um atuação mais ligada ao Rio de Janeiro, em 1953, teve uma famosa greve em São Paulo não é!? Que paralisou São Paulo, a CNTI naquela época, o senhor lembra se teve alguma participação, alguma liderança ou ela se manteve mais afastada? Porque parece que o Partido Comunista teve uma participação na greve naquele momento.

AS: Eu tenho a impressão que o partido estava na ilegalidade já, eu não sei.

LN: Ilegal.

AS: Ilegal. Com uma participação que não era legal, quer dizer, não aparecia o partido comunista, em todo o movimento sindical, em todo movimento também tem, atuação de pessoas que operam à esquerda, ou à extrema esquerda, até com a direita.

LN: É... Como é que foi a atuação de João Goulart quando presidente do PTB?

AS: Ele era um conciliador, era um homem que ouvia, mas não falava. Ele era capaz de ouvir um operário durante uma hora sem interrompê-lo, tinha uma paciência extraordinária, ele era um homem bom, ele era homem de grandes virtudes. Teve os seus defeitos, mas era homem que sabia ouvir e procurava também o [].

LN: Mas, mais tarde, quando houve a fundação do MTR não é!? Parece que foi uma experiência inclusive em relação à própria atuação do João Goulart como presidente do PTB?

AS: Perfeito. Perfeito.

LN: O senhor podia me explicar?

AS: É... Embora é... o João Goulart tivesse sido o meu padrinho de casamento, eu gostava do João Goulart como pessoa. Mas achava que devia já ter uma autonomia sindical, uma autonomia do próprio partido, então nós nos rebelamos naquela ocasião, eu inclusive uma vez fui ao gabinete do João Goulart, dizendo: “*Ô João, Jango*”, chamava de Jango, “*eu vou terminar com o imposto sindical*”, “*Aarão o que é isso, isso é o suporte daqui.*” O imposto sindical era 20 % do grosso que ia para o Ministério do Trabalho, tinha uma assistência sindical guardando esse dinheiro. Então o relacionamento que podia ter com o Jango, então as minhas discrepâncias eram de ordem doutrinária, eu queria avançar mais. Fiz o partido, então vem a corrupção, a corrupção [] no governo. E eu, a contra ideologia como sou hoje, por isso eu fiz um partido de mãos limpas, eu optei para o empregado, eu me elegi senador pelo MTR. Eu tinha no Estado do Rio, o Fernando Ferrari concorreu à vice-presidência, teve um êxito muito grande, no Estado do Rio ele teve trinta e tantos por cento dos votos, [], perdeu trinta e tantos por cento dos votos e depois ele sofreu com o desastre do governo []. Mas eu continuei eleito senador pelo MTR, eu tive no Senado como MTR, esta prosperando o partido, de repente veio a revolução de 64 e mais tarde a extinção dos partidos políticos. Ficando, só tinha a opção, ou ARENA, ou MDB, eu me filiei a ARENA na época.

LN: O senhor falou que essa situação [], inclusive o senhor achava que já era o momento de avançar um pouco mais em relação de autonomia. O quê que o senhor entendia da autonomia sindical?

AS: Dá mais liberdade aos sindicatos, não deveria [], não deveria ter tutela ministerial. Eu terminava com o fundo sindical, eu achava que os sindicatos deveriam ser mais livres, mais independentes, sem tutela ministerial.

LN: Bom, voltando um pouquinho atrás, quando o PTB foi fundado e que na Constituinte não é!?, de 46, não houve nenhuma proposta de reformulação da legislação trabalhista que veio do Estado Novo não é!?, que foi de 43 não é!? O senhor acha que o Getúlio Vargas e os outros fundadores do PTB, Alberto Pascoalini e outras pessoas, eles eram contrários

a essa maior autonomia, ou fazia parte da estratégia deles, como é que era, havia uma divergência...

AS: Havia uma divergência.

LN: Isso é que eu queria saber.

AS: Havia uma divergência.

LN: O senhor, dá para fazer mais-ou-menos um quadro para mim. De quem era mais, quem compunha mais um avanço dentro do PTB?

AS: Com muito sucesso, você citou o Alberto Pascoalini.

LN: É eu estou perguntando...

AS: Era um teórico que achava que o trabalhismo tinha avançado e que não tinha que ter tutela ministerial, principalmente do Ministério do Trabalho. E adotava essa tese, que eu também incorporei e que o Lúcio Bittencourt, foi senador por Minas Gerais, que advogava comigo essa tese. Eram poucos viu!

LN: Que advogava essa tese.

AS: É, independentes eram poucos.

LN: O senhor dá uma....

AS: Os outros dependiam mais do partido, do próprio governo para eles [] providência. Eu te falei há pouco, que as cédulas eleitorais, davam o nome dos candidatos em letra pequena e o nome do Getúlio em letra grande. E o Getúlio quando se candidatou, ele ganhou em muitos Estados como senador e deputado federal, certo. Ele ganhou a eleição em muitos Estados, ele era forte politicamente e popularmente, realmente o quererismo, o getulismo era forte, todo mundo, foi ele que fez o Estado Novo e durante o Estado Novo só se falava no nome dele. Quem falasse contra era estigmado daí há pouco, já depois de 37, quando ele foi deposto e depois voltou.

LN: Então só como lembrança, quer dizer, então foi uma ala mais autêntica, vamos dizer, bem antigo, tem o Alberto Pascoalini, tem o senhor e quem mais?

AS: Lúcio Bittencourt.

LN: Lúcio Bittencourt.

AS: Fernando Ferrari.

LN: Fernando Ferrari.

AS: E umas pessoas...

LN: O Hugo Borghi.

AS: Não. Por favor...

LN: Pois é, eu quero saber. Eu quero que o senhor me fale de cada um.

AS: O Hugo Borghi nunca pertenceu ao PTB.

LN: Ele era o quê?

AS: Ele era parece que PST, parece que era o PST, ele concorreu ao governo do Estado. Eu vou te dar o pormenor curioso. Hugo Borghi foi candidato ao governo...

FIM DO LADO A DA FITA 01

Entrevista – fita 01 lado B

AS: O Borghi era apresentado [] uns dias antes da eleição, naquela época a cédula já era avulsa, não tinha se distribuído a [], a cédula era excelente, não sei o quê que houve. Eu gostava, não existia...

LN: []

AS: Não, não existia a cédula oficial, onde constava o nome dos candidatos majoritários, você então tinha que ter a cédula distribuída. Três caminhões conduzindo cédulas de Borghi para contá-las, para contar em cédula, foram numa região onde o Borghi ainda não tinha mandado cédulas ainda. Os caminhões foram interceptados, os motoristas desviados, o material apreendido, ele perdeu a eleição por 20 ou 30 mil votos. Se essas cédulas tivessem chegado ao seu destino na região do deputado estadual, ele tinha ganhado. Então [] ter a cédula, o candidato tinha que ter a cédula na mão e às vezes ele votava para 12, 13 pessoas, então por cima vinha os nomes e o resto tudo para entregar, “*olha, chapa completa*” e o cidadão do Rio de Janeiro vinha com cédula, votava na dele.

LN: Mas aqui, voltando à questão da autonomia não é!? Do PTB, deixa eu perguntar uma coisa para o senhor. É... o senhor falou então que tinha um setor que foi eleito, o Alberto

Pascoalini, o senhor, Fernando Ferrari, que desejavam maior autonomia. E os sindicatos? Eles lutavam por isso, ou eles não lutaram?

AS: Não, naquela época havia pouca luta dos sindicatos, porque eles estavam completamente dependente do Ministério do Trabalho.

LN: E o Getúlio estimulava essa dependência?

AS: Evidente, porque servia a ele, servia a ele.

LN: Então o senhor acha que o PTB realmente foi fundado na cabeça do Getúlio? Tinha esse objetivo, e seguia ele, apesar de que ele queria fazer algumas reformas sociais.

AS: É, e um anteparo com o PTB, para essas reformas, serviam a ele. Mesmo porque com esse propósito, ele tinha que fazer, ou você acha que por acaso a CLT, viria assim de graça, sem que ele soubesse as [] gerais e tinha um suporte dos sindicatos, você acha que ele não percebeu. Se ele determinasse uma greve, o pessoal fazia.

LN: Então deixa eu fazer uma pergunta para o senhor. É... o Getúlio então, pela opinião do senhor, ele realmente, usava, seria isso, a classe operária como...

AS: Bem para instrumento...

LN: Esse termo não ficou pesado?

AS: Não usava não. Ele tinha a seu serviço a classe, o PTB que... para ele instrumentalizar as reformas que ele pretendia. Ele era um ditador, ele tinha um espírito ditatorial, haja vista o golpe de 37 que durou até 45. Nós tivemos todos sob o jugo do Estado Novo. Naquela época houve uma repressão violenta, principalmente quando os comunistas ficaram na cadeia. O Prestes naquela época, foi condenado, ficou muitos anos na prisão, mas depois que saiu da prisão, ele abraçou o, porque ele achava que para sobreviver a democracia, deveria haver uma aliança com o próprio Getúlio que o segurou.

LN: Eu ouvi falar, agora bom, [] estávamos falando dos comunistas. É..., os empresários, alguns setores, a gente poderia dizer, mais reacionários de toda a sociedade brasileira, acusaram o João Goulart como Ministro do Trabalho de ter uma aproximação com os comunistas e de querer de fundar uma República Sindicalista no Brasil. O senhor concorda isso?

AS: Não.

LN: Como é que é esse negócio?

AS: Não, eu não concordo com isso. Isso é o seguinte, que naquela época o partido mais forte de oposição era a União Democrática Nacional e hoje deve estar no poder, hoje está no poder, a UDN. Então ela querendo combater...

LN: [*risos*]Que ironia ela hoje está no poder.

AS: Heim?

LN: Que ironia está no poder há anos.

AS: Então ela queria, ela ia contra a República Sindicalista e o João Goulart no governo, ele iria acostumar a governar. Ele queria a reforma agrária naquela ocasião e falar em reforma agrária, era uma espécie assim de pecado mortal, como hoje ainda. Você sabe que 42% das terras do Brasil pertencem a 1% dos proprietários. Quando eles falam da reforma agrária, no fundo eles querem a reforma, desde que desaproprie os bens deles mediante uma elevada indenização, inclusive a se desfazerem das terras improdutivas e para []

LN: Agora, é... O João Goulart, desculpe, o Getúlio Vargas colocou, há uma acusação que o Getúlio Vargas colocou alguns órgãos públicos à disposição dos sindicalistas e o próprio Ministério do Trabalho funcionavam assim como intermediários da ligação do governo com os sindicatos e que isso acabou causando uma confusão muito grande no próprio meio sindical. Porque eles tinham um acesso ao poder, e uma atração natural pelo poder, o senhor concorda com isso?

AS: Bom, havia sindicalistas corruptos e outros que não eram. Agora, deixa eu te dar um exemplo, nessa campanha que está se desenrolando veio uma surpresa, que um candidato diz assim: “*Os meus Ministros onde é que estão, porque que eles não vem aqui me ajudar.*” O outro diz: “*Três Ministros vem essa semana aqui*”, “*eu também sou candidato e o meu Ministro quando vem*”, ou não vem nenhum Ministro. Então a revolução de 30, ou o resto do []. A revolução de 30 foi feita contra as políticas dos governadores, os governadores influíam nas eleições. Então essa empresa na Revolução de 30, em razão desse princípio, contra a política dos governadores que influíam na eleição. E hoje? A política é de quê? Dos Ministros? De governos? Chega-se assim: “*Faça uma aliança de fulano com fulano e eu de dou o BNDES, ou não sei o quê*”, já está nos jornais. Quer dizer a política dos Ministros, os Ministros vem aqui e participam de comércio, eu sou contra isso, tem outros partidos que não têm um Ministro, não tem isso e ficam em

situação de inferioridade. O Ministro certamente vem fazer uma exposição à custas do, aderindo, na suposição da hipótese de conseguir um bom dinheiro dele.

LN: Aqui, em mil novecentos e... Antes me fale uma coisa antes de chegar nessa pergunta. Falava-se muito que a máquina previdenciária, era muito usada para amortizar um pouco o movimento sindical, funcionou como... Inclusive tem uns brasilianistas desses ai que fazem muito esse tipo de análise.

AS: Quem?

LN: Os brasilianistas tem o Kennedy Jackson que faz essa análise. O sistema previdenciário, todo aquele sistema previdenciário, ele funcionava mais como uma forma também, claro que de manipulação do movimento operário sindical.

AS: Mas isso, hoje existe, até hoje você vê que se manipula também. Grupos que manipulam, agora, *“eu vou se você colaborar comigo, você ganha isso e ganha aquilo.”* Eu dei um exemplo agora há pouco, um cidadão clamando porque o Ministro não vem até aqui, fazer parte dos comícios dele, que era injusto, ele pertence ao partido do governo e que o governo tinha que acionar a máquina do governo à favor dele. E o outro também diz a mesma coisa, porque esse Ministério aí é formado por gente do antigo PDS e da Frente Liberal, você vê que o da Frente Liberal tem um Ministro que, o Beltrão está na Petrobrás, o Ministro das Minas e Energia, o Aureliano Chaves. Enquanto isso o PDS tem o Antônio Carlos Magalhães, que sempre foi o outro lado, por isso que eu disse há poucos dias atrás mesmo, fazendo um programa de televisão, o cidadão disse assim: *“O quê que o senhor acha da reforma agrária da Nova República?”* Eu disse: *“Nova Republica!”* Eu disse três vezes: *“Nova República, Nova República!”* *“Não do governo que está aí”,* *“Ah, bom do governo que está aí eu vou responder.”*

LN: Aqui, agora, vamos um pouquinho mais à frente. O que foi a Liga de Emancipação Nacional e porque o Luís Fernando deixou essa liga depois...

AS: Não, essa Liga de Emancipação Nacional era de inspiração realmente esquerdista, não é!? Era de inspiração muito...

LN: O senhor fez parte da Liga?

AS: Fiz.

LN: E qual eram os objetivos dela, o que ela...

AS: Era a emancipação brasileira, a não dependência ao exterior. A não dependência ao exterior, resolver os problemas nacionais, através de soluções nossas.

LN: Qual era a relação dessa liga com o PTB?

AS: Tinha muita gente no PTB e na liga. O PTB evoluiu, teve muitos quadros, o PTB ficou sendo o 2º partido do país. E lá tinha muita gente boa.

LN: Então quer dizer, alguns militantes do PTB, filiados ao PTB, também se filiaram a Liga de Emancipação Nacional?

AS: Ah sim! Se filiaram.

LN: E o Juscelino fechou porque?

AS: Ah não sei! Pressões certamente internacionais.

LN: Porque essa liga, o senhor acha que ela poderia crescer?

AS: Poderia crescer [*o telefone toca nesse instante*]

LN: Em 1957, o senhor foi líder da bancada do PTB. É..., nessa época em São Paulo ocorreu uma grande greve dos sindicatos, isso teve alguma repercussão no cenário nacional junto ao PTB?

AS: Não, o PTB apoiava, na minha liderança eu só era contra a repressão policial. Eu sempre fui também [] repressão social aos [] uma revolução [*trecho incompreensível*]. Agora, naquela época, a turma até hoje, tem uma legislação que proíbe greve em atividades essenciais, os funcionários estão entrando em greve aí, [] o Estado, é proibido, mas eles fazem.

LN: Agora, o senhor poderia me dizer, falar um pouco não é!? Sobre a dissidência, a formação do MTR, porque que houve essa formação, eu gostaria de entender assim, o quê que estava acontecendo dentro do PTB, que levou um número de pessoas a...

AS: Saírem.

LN: Saírem e formar o MTR.

AS: É porque nós não tínhamos espaço dentro do PTB.

LN: Porque vocês não tinham espaço.

AS: Porque as nossas teses complicavam às vezes.

LN: O senhor podia falar as teses de quem complicava e por causa de quê, só para poder ficar claro.

AS: Não, eu estou dizendo o seguinte, eu era além, eu estava num programa, adiante do programa do PTB, adiante, eu preconizava a reforma, as reformas, eu achava que os sindicatos não deveriam ficar dependentes de Ministérios, por isso que eu fiz até aquele projeto extinguindo o imposto sindical. Pelas nossas proposições não encontrava acolhida e eu também sentia o cheiro da corrupção, que dominava, como hoje existisse o cheiro e você é obrigado a fechar até as narinas. Então, isso não me serve, existe até aquele, deixa eu te dar um exemplo, estive conversando com um cidadão que foi correspondente estrangeiro do “*The New York Times*”, aqui do [nome estrangeiro], casou até com uma brasileira, ele voltou a, dizem que voltou a Nova York. Perguntaram a ele, o quê que tinha, o quê que o tinha impressionado mais no Brasil, ele disse: “*Além das mulheres bonitas de todo mundo e a natureza, a impunidade.*” Deu até na minha propaganda, eu coloquei uma frase, os crimes dos colarinhos brancos não podem ficar impune. Há a impunidade e ele se impressionou com isso, e todo mundo se impressiona, com relação a isso. Com relação a dinheiro público, fica por isso mesmo e daí, o quê que acontece. Alguém por exemplo, faz com quê que ele devolva o dinheiro público, o dinheiro que ele roubou do Estado.

LN: Mas só voltando, quer dizer que só um grupo de pessoas saíram e fundaram o MTR não é!? E aí e os participantes eram pessoas que vieram do PTB, o senhor lembra, o Fernando Ferrari, o senhor e quem mais?

AS: A princípio ele ficou muito fraco, muita gente não gosta de mudar, quando o partido está se formando, é a mesma coisa que o gato. O gato, se você mudar de residência ele fica desconfiado. Os homens são como os gatos, eles ficam onde eles estão, o homem da terra, não gosta de sair da terra para ir para a cidade. Para sair da terra só mesmo o extremo em função miserabilidade, ele veio para a cidade para encontrar uma coisa boa e vem aqui é o desemprego, a miséria. Tanto quando eles saem com a seca, a primeira chuva, o quê que eles fazem? Voltam para lá [*incompreensível*]

LN: O senhor achou que então eles não iam mudar?

AS: Não, porque no partido não dava nada, não dava emprego.

LN: E o PTB, dava emprego?

AS: Dava.

LN: Que tipo de emprego?

AS: De todo tipo. De Ministério para frente foi para o PTB, eles incluíram, nomeassem gente para cartório, chegava e falava: *“Me dá um cartório, depois que eu saí do Estado”*. Outros ficaram como Procuradores, Ministros. Tem muito Ministro aí que foi do PTB e que ganhou...

LN: O MTR, foi fundado quando. Em 1957/59.

AS: Não, em 60 eu acho.

LN: Em 60. Foi um pouco mais à frente não é!? Agora, me fala uma coisa, e o [] o senhor lembra disso, fundou...

AS: Esse que eu fiz parte. Esse queria reformas, o povo na miséria e não vê soluções para o povo. Então formamos um grupo compacto.

LN: Que reformas que vocês propunham?

AS: De profundidade. Reforma agrária, reforma urbana. Eu fiz até naquela ocasião projetos, todo ano advogava, congelando o aluguel, ninguém tinha que pagar aluguel e hoje pode. Tudo pesa sobre o inquilino, é o imposto predial, todo o IPTU, todo o empresário, os donos de apartamentos pouco se, de casa e de imóveis, pouco está se incomodando, se o IPTU é de 500 ou 200, quem paga é o inquilino.

LN: Agora, me conta uma coisa. Qual era a orientação do PTB no governo de JK. O governo JK abriu as portas do Brasil para o capital estrangeiro, para dar aquele grande salto para a industrialização não é!? O PTB vinha de propostas nacionalistas, o governo JK, foi um governo que apesar de ter sido desenvolvimentista, achatou demais os salários dos trabalhadores não é!? Havia alguma orientação especial do PTB?

AS: O PTB tinha o vice-presidente, que era o João Goulart, o Presidente era o Juscelino, eles eram aliados.

LN: Era uma aliança não é!?

AS: Era uma aliança. E sempre tinha vozes discordantes, que formavam um grupo compacto, depois foi os formadores de [], os Estados. O Juscelino era assim, desenvolvimentista, fundou Brasília. Ele tinha um lado positivo de olhar o partido. Ele reunia, uma vez eu estive presente, no Palácio do Catete, na época que ele Presidente,

quando o Fundo Monetário, fez uma denúncia contra o chumbo, estava participando, estava lá [].

LN: Agora, será que o senhor me falava um pouquinho sobre o Santiago Dantas.

AS: O Santiago foi um homem que a princípio tinha, era um homem de passado direitista, o Santiago, e de repente mudou, mudou e estava de acordo com as reformas. Eu participei de muitos encontros com ele, na casa dele e disse: “*É, nós temos...*”, mas eu era assim, uma espécie de ovelha negra do partido, eu ia além do que eles achavam que era o ideal. Eu preconizava as reformas de base.

LN: E essas propostas de reformas de base, no final das contas viraram as grandes bandeiras de lutas no governo João Goulart, o movimento sindical encampou essas propostas.

AS: Perfeito.

LN: Não foi!? Será que o senhor poderia falar um pouquinho sobre, como é que o PTB do governo João Goulart via essa campanha das reformas de base?

AS: Faz um acordo. O PTB sempre se alinhou ao lado de João Goulart. Tudo que João Goulart achava que deveria ser feito, era, era...

LN: Mas mesmo então essas facções do PTB que não apoiavam as propostas mais avançadas não é!? Nesse momento começou a apoiar?

AS: Não, não. Apoiavam aquelas reformas que ele dizia que ia fazer.

LN: Mas não eram a que vocês tinham?

AS: Não, era o que a gente queria.

LN: Então, o senhor acha que avançou o PTB nesse período?

AS: Avançou.

LN: É isso que eu estou querendo chegar à... Bom, porque houve um rompimento, onde esse grupo que desde a década de 50 propunha as reformas de base. De repente todo mundo começou a...

AS: Eu era do MTR e propunha e achava certo.. Por exemplo, aderi ao comício da Central do Brasil, onde ele advogava as reformas, totais de base. Que ai veio depois o movimento dos Sargentos e em seguida o movimento de 64

LN: Bom, me fala uma coisa, o senhor foi autor do projeto do 13º salário, como é que isso repercutiu junto ao movimento sindical?

AS: É evidente que tudo que se faz em benefício do trabalhador, ele recebe bem. Os sindicatos têm que receber bem, porque ele representa os trabalhadores.

LN: Mas isso já era uma reivindicação antiga?

AS: Eu fiz o projeto, o projeto passou em 62. Era Presidente nessa ocasião o João Goulart.

LN: Em julho de 62, em 12 de julho de 1962.

AS: Mas o projeto eu apresentei uns 10 anos antes, eu fiz uma vez, foi arquivado, eu fiz de novo.

LN: Quer dizer que ele precisou de uma conjuntura mais avançada.

AS: Não, todo dia tinha que martelar, tinha que martelar. Eu vou te contar um episódio curioso, passou na Câmara [] mas assim, houve o movimento do ABC [*o telefone toca nesse instante*]. Dizia-se que no passado o projeto [*o telefone toca nesse instante e atrapalha a audição do que está se falando*]. Então o pessoal, as lideranças []. De repente as lideranças fizeram passar o projeto na Câmara e certamente supor que no Senado não ia ser aprovado, o Senado e a Câmara esteve juntas. Aí o Benedito Valadares era o líder do governo no Senado e ele me chamou disse: “*Olha Aarão, não há condição de aprovar o seu projeto*”, mas ele recebeu ameaças, ameaças, que não respondiam pela vida dele. Então o negócio ficou e não foi aprovado. O negócio é o seguinte, não é fácil você conseguir passar uma lei não. Eu vou dar o exemplo da lei dos caminhoneiros, eu fiz o projeto.

LN: Lei de quê?

AS: De 6 horas dos caminhoneiros. Eu fiz o projeto, passou em tudo que é comissão, ele foi vetado pelo Juscelino. O Juscelino vetou, o projeto voltou para o Congresso e o Congresso por uma pequena maioria, 7 ou 8 votos aprovou o veto. Inclusive o Dener, rejeitava o veto de tudo que fosse do governo, que tivesse feito duplo sentido, ele dava um novo sentido. Embora não comungasse com as idéias que representasse essa idéia, para esse projeto. Então, de repente, na mesma noite, eu reconduzi o projeto. Você não pode na mesma sessão legislativa trazer um projeto que foi derrubado, mas tendo maioria absoluta de assinantes, eu fiz na mesma noite o projeto ser aprovado, eu fiz de novo e passou e depois foi a ele e ele sancionou, aí ele sancionou. O negócio, para você fazer

passar uma lei, igual nesse prospecto que eu estou aí entregando ao povo eu vi, nenhuma lei importante trabalhista, depois da minha cassação foi aprovada pelo Congresso, me diz uma. Nenhuma, nenhuma. Nenhuma lei importante trabalhista passou depois de 59, [] de 64 a 69. Passa é o dia do passarinho, o dia do escritor, o dia do silêncio passava, coisa sem importância.

LN: É... Eu li uma análise que falava o seguinte, quando o continuísmo do parlamentarismo no Brasil, o PTB estava dividido em 2 grupos, um grupo mais ideológico, que propunha uma linha de independência em relação a João Goulart, que propunha as reformas de base e o anti imperialismo. Um grupo mais moderado que aceitava a política de conciliação, mas que havia um ponto de união entre esses dois grupos. O primeiro ponto de união, que ao final das contas, todo mundo queria a volta do presidencialismo e que mesmo o grupo mais moderado, achava que devia haver um limite para a atuação do capital estrangeiro no Brasil. O senhor lembra quem era os principais, nessa conjuntura do governo João Goulart, quais eram os principais elementos dos dois grupos? E o senhor concorda com essa análise?

AS: Eu concordo com essa análise?

LN: O senhor se lembra assim?

AS: Os grupos.

LN: Quem era, por exemplo...

AS: Tinha por exemplo, o Almino Afonso.

LN: Ele era o quê, mais moderado ou mais...

AS: Não. Ele era mais moderado. Tinham, o próprio Bocaiúva Cunha, tinha o Virgílio que hoje é [] do PDS no senado. Eles adotaram uma linha mais avançada. E o parlamentarismo, o Tancredo Neves, era o 1º Ministro que ficou, então o pessoal achava que tirava poderes e com o parlamentarismo, o Presidente praticamente não fazia nada. Então o pessoal [].

LN: O senhor poderia me fazer uma análise geral do que foi o movimento sindical no governo João Goulart? Por exemplo, na CNTI já no governo João Goulart, houve uma nova eleição e caiu a antiga diretoria da CNTI, com Deoclesiano de Holanda Cavalcanti e subiu o Clodismidt Rianni não é!? Houve muitas mudanças nesse período, o senhor poderia fazer uma análise para mim?

AS: Houve mudanças, o Rianni era de outra linha, já mais... Também o Rianni naquela ocasião se casava com as idéias de João Goulart. João Goulart evoluiu o pensamento dele.

LN: O senhor acha que o João Goulart também evoluiu?

AS: Evoluiu.

LN: Então o senhor acha que houve uma evolução geral no PTB?

AS: Houve.

LN: Do início do PTB para o final do PTB.

AS: É evidente que houve.

LN: E porque que o senhor acha que houve essa evolução.

AS: Porque antes era um peleguismo autêntico, não é!? E de repente começou o surto de independência, os sindicatos começaram a ser mais forte, muita gente entrou nos sindicatos, preconizava a independência sindical. Então o João Goulart acompanhava, o João Goulart era muito inteligente, ele não lutava contra a maré. E ele tinha inspiração sindicalista, ele não iria lutar contra a maré. Os sindicatos estavam evoluindo, estavam elegendo organizações diferentes das anteriores, porque as anteriores eram pelegas. Eram o perfeito peleguismo, isso é verdade. E se perpetuavam no poder. Então já nos sindicatos estão pessoas que vão ser [] de juntas, membros do tribunal. Eu tinha até tinha feito uma vez um projeto proibindo a recondução de uma pessoa para o mesmo cargo, o cidadão fica e o poder corrompe.

LN: Então o senhor acha que houve uma evolução geral no PTB não é!?

AS: Houve, houve.

LN: E o movimento sindical nesse período? O senhor estava falando que o Rianni fazia parte de um grupo que, ou ele era, tinha o Dante Delacane.

AS: Também.

LN: Também!?

AS: Era da mesma linha do Rianni.

LN: Era da mesma linha do Rianni!? O senhor lembra quais eram os principais representantes dessa época? O Benedito Cerqueira?

AS: Também.

LN: Eles todos eram...

AS: Eram evolucionistas, digamos assim.

LN: E eles se aliaram ao Partido comunista nesse período também!? Ou o senhor acha que houve uma grande aliança nacional em torno da campanha pelas reformas de base.

AS: Bom [*trecho inaudível*]. Embora o partido não pudesse, comunista, se apresentar como um partido comunista, mas eles contribuíram.

LN: E, agora o senhor podia me falar um pouquinho sobre o final não é, desse período sobre o PTB, quais foram as repercussões que o senhor acha que teve sob o movimento sindical para todos, o senhor acha que... Algumas pessoas falam o seguinte, eu já li análise dessa natureza, que o movimento sindical evoluiu tanto nesse período, mas que não tinha uma base de sustentação popular tão grande e o próprio movimento social no Brasil, e que essa base de sustentação por não existir, não era tão forte, não houve condições de reagir ao golpe de 64.

AS: É verdade, eu concordo, o brasileiro não é solidário, ele não participa, ele não participa. Se você convocar uma assembléia para um estudo de um determinado problema naquela época, você não tinha participante. Os operários só iam às assembléias quando se tratava de dissídio coletivo por aumento de salário, só assim que participava. Se você quiser fazer uma reunião, sobre um determinado problema, vem poucos. Hoje está evoluindo um pouco [*inaudível*].

LN: O senhor acha que isso facilitou?

AS: Evidente, não tinha suporte.

LN: Não teve reação nenhuma.

AS: Eu vou dar um exemplo, eu fui cassado pelo AI 5, eu já fui cassado em 69. Eu passava pela rua e quando o cara me via ele fazia assim, ia para o outro lado da rua. Eu fui cassado, e isso inúmeras vezes, inúmeras vezes, dezenas de vezes. Eu não recebi um telefone quando eu fui cassado, uma carta, o [] era deputado federal, eu fui cassado em janeiro de 69, ela foi cassada em 70, ninguém recebeu, nós não recebemos uma carta, um telefonema. Eu estou te dizendo que eu andava pela rua, todo mundo que me viam, iam para o outro lado da rua, de medo, não cumprimentavam.

LN: E no final das contas, o senhor acha que o PTB era uma boa proposta em termos de partido?

AS: Era, não era ruim não. Ele estava mais à frente dos outros partidos, estava mais à frente, os outros eram, além da UDN evidentemente, PSD, igual se você me perguntar o PDS que tem hoje []. Em matéria de programa tem congestão no PDS, alguém se lembrou de se fazer o programa, nada. Então os programas, os programas é o de menos, o problema são as pessoas que representam essas idéias, tem que se confiar nas pessoas, não havia como participar, então o povo não participa mesmo. Não participa, hoje realmente está havendo [*inaudível*], o pessoal do ônibus, o pessoal do metrô vão entrar em greve, eles estão em outra, eles estão não acreditando mais ninguém, uma espécie assim de desconfiança em relação a todo mundo. Isso sem contar a classe política, eu quero fazer uma crítica, a classe política está em decadência, se por exemplo, encontrar um empecilho e o deputado votar 3, 4 vezes, chamados, como é que chama, os tocadores de piano [] e os que por exemplo, recebe jeton sem trabalhar, aliás é uma nova moeda nacional, o jeton está substituindo o cruzeiro, eles não trabalham e ganham não é? Tudo isso desmoraliza o poder legislativo e não tem nenhuma reação, então você viu que tem haver, tem havido anteriormente renovação do poder legislativo. Mais de 70% não volta ao Congresso, porque eles não corresponderam à confiança do eleitorado. O povo acompanha, o povo não é burro ele sabe quem elegeu tem o que fazer. Agora o Senador que tiver que ir para os meios de propaganda pra dizer o que ele fez. O negócio é, que eles conseguem que o povo sensibilize por uma candidatura, um candidato pobre, para provar que é pobre tem que ter dinheiro, não é verdade!? Parece um paradoxo, mas ele tem que ter faixa, tem que estender a faixa na rua: “*Olha, eu sou o candidato sem recurso*”, tem que ter recurso para fazer isso. Então o candidato pobre não consegue isso, para ser candidato.

LN: Deixa eu perguntar mais uma coisa ao senhor. O senhor continua como assessor sindical da CNTI depois da eleição do Rianni.

AS: Não. Não por favor, eu fui, quando eu fui cassado. Eu não entrei na briga com o Rianni não. Quando eu fui cassado...

LN: Não, mas espera, o senhor foi cassado em 69. O Rianni foi da CNTI em 61.

AS: Em 71.

LN: Em 61.

AS: Não, não.

LN: O Rianni foi em 61. Em 71, ele estava cassado também.

AS: Não, não, por favor, ele foi cassado, o Rianni não, o Rianni...

LN: O Rianni foi preso logo depois de 64.

AS: Bem, mas ele não era Presidente da Confederação não.

LN: Era, Presidente da CNTI.

AS: Ele voltou depois o Deoclesiano depois.

LN: Voltou depois.

AS: Ah, bom ai foi. Eu era advogado da Confederação, mas naquela época eu não sofri nenhuma restrição. Mas depois que voltou o Deoclesiano e eu fui cassado, eu foi demitido da Confederação.

LN: E era o Deoclesiano?

AS: Foi. Fui demitido pela direção da Confederação que receberam e não queria, para fazer justiça ao Deoclesiano, ele tinha uma, um estilo de [] comigo.

LN: Agora, o que eu queria de informação do senhor eu já obtive....

FIM DO LADO B DA FITA 01

	A		M
AI 5, 4			Ministério do Trabalho, 7
Alberto Pascoalini., 12			Movimento Trabalhista Reformador, 9
			MTR, 11, 17, 18, 19, 20
	C		
CLT, 2, 3, 14			N
CNTI, 7, 9, 10, 22, 25, 26			Nacionalistas, 6, 19
	D		
Danton Coelho, 7, 8, 9			P
Ditadura partidária, 9			Presidente Costa e Silva, 3
			Prestes, 2, 14
	E		PSD, 2, 3, 5, 25
Estado Novo, 2, 11, 12, 14			PTB, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25
	F		
Fernando Ferrari, 5, 11, 12, 13, 14, 18			Q
			Queremismo, 12
	G		
Getúlio Vargas, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15			R
getulismo, 12			Reforma agrária, 15, 16
greve, 6			revolução de 30, 15
			Rianni, 22, 23, 25, 26
	H		
Hugo Borghi, 13			S
			Segadas Viana, 9
	I		sindicatos, 1
Imposto sindical, 7			
			T
	J		Tancredo Neves, 22
João Goulart, 10, 11, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 23			
Juscelino, 17, 19, 21			U
			UDN., 15
	L		
Liga de Emancipação Nacional, 16, 17			
Lúcio Bittencourt, 5, 12			